

José Luís Peixoto

Em Teu Ventre

«Claro que é uma mentalidade infantil, mas ela ensina-nos a levantar o nosso olhar para o Céu, onde sabemos que está Deus nosso pai, a Mãe bendita que Ele nos deu e vela por nós, os Anjos que Ele criou e destinou para guiar-nos e conduzir-nos nos caminhos da vida.»

Irmã Lúcia de Jesus, *Quinta Memória*

«Nada pode atestar que o real é real, nada senão o sistema de ficção no qual ele desempenhará o papel de real.»

Alain Badiou, *O Século*

MAIO

- 1** ¹ Tudo começa pela
esperança.
- ² Antes dos objetos estão os
gestos que lhes dão forma,
- ³ antes dos gestos estão
as ideias,
- ⁴ antes das ideias estão
as emoções,
- ⁵ antes das emoções estão
os sentidos,
- ⁶ antes dos sentidos está
a existência nua,
- ⁷ contemplação cega,
memória cega,
- ⁸ antes da existência está
a esperança.
- ¹¹ Sou eu quem o diz.
- ¹² Se há proposta de vida, essa
certeza contém esperança.
- ¹³ Sem esperança, há apenas
morte: no presente e no
futuro.
- ¹⁴ Quando criei a natureza,
a primeira regra que deter-

- minei foi: negar esperança é
uma ação contra a natureza.
- ¹⁵ Todos os seres, principal-
mente os que possuem pele,
têm o direito inequívoco
a alguma esperança.
- ¹⁶ O uso que lhe dão é a sua
individualidade.
- ¹⁷ Falo de quando criei a natu-
reza, como se esse trabalho
estivesse acabado.
- ¹⁸ As palavras são imperfeitas
quando tentam dizer aquilo
que é maior do que elas.
- ¹⁹ São imperfeitas também
quando tentam dizer aquilo
que parece ínfimo, depen-
dendo da proporção.
- ²⁰ Nesse caso, as palavras são
dedos que tentam apanhar
uma migalha, fazem
a forma de beliscá-la,
mas deixam-na lá, como
se fossem inúteis.

Deus continua a falar, mas não faz questão de que o escute-mos, prefere que reparemos numa casa de paredes mal pintadas. E, mesmo através da neblina, talvez a madrugada esteja a ponto de nascer, consegue distinguir-se a cal a escamar. São as noites, invernos e verões, que arrancam aquelas lascas de cal; é o pó da rua que se levanta com aragens, carroças, desinquietação de crianças, e se cola às paredes conforme se cola ao interior dos pulmões. Não se vê ninguém, as pessoas e os animais foram subtraídos a esta imagem. A fachada da casa tem uma barra pintada, nivela o chão, tem duas janelas bambas e, ao centro, uma porta de madeira velha, com um postigo à altura do rosto dos donos; é uma porta cansada, a desfazer-se por baixo. É preciso subir quatro degraus de pedra para chegar a essa porta que nunca está fechada ao trinco. A casa tem um telhado, sozinho contra o tempo, tem uma chaminé quase torta e mais nada. No entanto, é uma casa que os olhos podem ver de muitos modos. À frente, sem pertencer à casa, mas pertencendo, há uma eira, limpa e lisa, pronta a malhar, disposta a todos os usos. Por detrás, está um quintal extremado por um muro de pedras empilhadas, sebe que não passa a altura do joelho, linha que não exclui, tudo é terra que os vizinhos aproveitam com adequação. Lá ao fundo, depois de uma ribanceira que desce, está o poço, tapado por uma superfície de lajes, remendos sobre terra ferida. As oliveiras inclinam-se para o poço como corcundas, como a desgraça, os anos castigaram-nas e até os ramos novos, coitados, nasceram com os nós torcidos por artroses, vítimas. Ainda assim, são árvores, pertencem à natureza, recebem notícias das outras

oliveiras que se estendem na lonjura daqueles campos, onde também há muitas ervas secas, cardos e calhaus.

2¹ A criação da natureza
é um trabalho de todos
os instantes.

² Só a perfeição está concluída
³ e, mesmo essa, tem de aceitar
a imperfeição inacabada
quando lida com aquilo que
é incompleto, com palavras
ou sombras, com natureza,
instinto, gente,

⁴ com a emanção invisível
de um passado mais remoto
do que o próprio começo
de tudo:

⁵ a esperança.

⁶ Tudo começa pela esperança.
Fui eu que escolhi esta pala-
vra: *tudo*.

⁷ Sou eu que estou a dizê-la.

⁸ Tudo termina pela esperança.

TÃO FRESCA É ESTA BRISA DEPOIS DE UM DIA INTEIRO, tão leve é o seu toque nas cores por fim brandas, desnecessária a urgência por fim. Esta brisa atravessa o ar limpo, faz tremer as folhas prateadas das oliveiras, acende pontos de brilho no granito e passa pelas faces suaves de Lúcia. Está agachada perante uma sombra de terra limpa, quase arrumada ao muro breve do quintal. Há galinhas que se habituaram à presença da menina, aos seus movimentos repetidos. Lúcia joga com pedras. Esses gestos súbitos não perturbam as galinhas, que debicam torrões de terra e se queixam umas às outras com vogais que arredondam na garganta.

(Eu também passava horas nesse jogo das pedrinhas. Procurava meia dúzia de pedras de bom tamanho, não muito grandes, mais ou menos polidas. Eu gostava de fazer esse jogo na rua, à porta da casa da minha mãe, da tua avó. Teria a mesma idade dessa menina, uns nove ou dez anos. Junta-va as pedras na mão e lançava-as com a força certa para re-bolarem pouco; a seguir, escolhia uma, atirava-a ao ar e, nesse arco, olhando para dois lados, apanhava uma das pedras espalhadas e ainda tinha tempo de receber a que caía. A tua

tia era mestra, não faltavam vezes em que, com cinco pedras na mão, recolhia a última. Eu não tinha esse jeito, sempre fui de mãos pequenas. Mas deixa, sei que isso não te interessa, tens outras preferências. Se quisesses saber, há muito que podias ter reparado nas minhas mãos; afinal, foi com elas que te dei tudo desde que nasceste.)

Neste tempo, esta luz. Só falta uma pedrinha. Lúcia tem as sobrancelhas compenetradas, aperta os lábios, ajeita as pedras que tem na palma da mão, os dedos a rodearem-nas, enche o peito e atira uma a boa altura. Há o momento em que esgravata a terra com a ponta das unhas para recolher a última pedra. Mas a outra caiu demasiado depressa, tropeçou no caminho. Lúcia não conseguiu apanhá-la. Tem de começar de novo.

(Duvido que sejas capaz de me imaginar com dez anos. Já fui nova, sabias? Quando nasceste, em setembro, eu tinha trinta e dois anos feitos em junho. Talvez consigas suspeitar o que foi para mim ter-te com trinta e dois anos, até acredito nisso. Lembro-me de estares na minha barriga, nos últimos meses era um barrigão, mas tu não és capaz de me imaginar com dez anos, duvido. Não sou essa menina que imaginas quando tentas imaginar-me com dez anos. Fui uma menina que nunca conhecerás.)

É agora. Lúcia apanhou uma pedra, duas, três, quatro, cinco. Falta só a última. Atira-a ao ar. Onde está a pedrinha que falta? Por um instante, desaparece na terra. Volta a aparecer logo a seguir, mas é demasiado tarde, já a outra está

muito perto, transportando as suas arestas, fechando a sua queda: um golpe seco na terra, e rebola para onde fica esquecida. Com paciência, gestos demorados, Lúcia pouisa as pedras que tem na mão e, entre o indicador e o polegar, segura na última, ergue-a da terra, levanta-a à altura dos olhos. O rosto da menina contempla um mistério.

És muito malandra, pedra. Porque não deixas que ganhe?

Desculpa, foi sem querer.

Preferes que escolha outra pedra e te deixe descansada?

Não é isso.

O que estás tu a fazer, rapariga?

Quando a mãe assoma assim à porta do quintal e larga esse grito, não é porque se interesse pela resposta. Lúcia põe-se de pé, dá um salto que assusta as galinhas e perturba a luz. As pedras ficam sozinhas na terra lisa. Lúcia tem a impressão de que atravessa o quintal durante as palavras da mãe, dentro delas. Ainda as escuta.

O que estás tu a fazer, rapariga?

E já está parada diante da mãe, o lenço desacertado pela corrida, três fiadas de cabelo coladas à testa com pó, o olhar baixo, as mãos juntas sobre a saia.

Pensas que a vida é só brincadeira? Tu pensas que a vida é só brincadeira?

Voz áspera, e apesar de se baixar para lhe procurar os olhos, apesar de repetir a pergunta, não quer saber da resposta. Desinteressa-se, vira-lhe as costas.

Vai lá ver se as galinhas puseram algum ovo.

Todos os momentos existem. Lúcia, dez anos, menina que caminha pelo quintal escuro. São os seus olhos que iluminam o presságio de cada passo. Lúcia sabe exatamente onde as galinhas se abaixam. Encontra-as recolhidas nos seus ninhos, enfia-lhes a mão delgada entre a palha e aquele morno onde as penas são mais maviosas. Encontra o único ovo na última galinha.

Perdoa-me.

Porque demoraste tanto tempo?

A mãe recebe o ovo para o escalfar na sopa e não quer mais conversa ou pensamentos. Mas Carolina já chegou. Lúcia aproxima-se da irmã e, em silêncio, assiste ao seu trabalho: depois de atear uma lasca de madeira no lume, carrega o fogo, protege-o com a palma da outra mão e pousa-o no pavio da candeia. Essa pequena chama alumia o rosto de Lúcia. O tempo detém-se, existe um instante. Nos cantos escuros da cozinha, sente-se ainda mais a ausência das irmãs casadas. Em algum lugar, andarás o irmão Manuel, talvez no curral, a desembaraçar um nó, grato pela bondade dos animais. E também Glória terá o seu pouso, talvez na casa do forno, dobrada a varrer, a riscar o chão com o som de varrer. Falta o pai, todos começam a sentir a sua falta a partir das primeiras sombras do serão.

Lúcia mantém o rosto apontado à candeia, mas vê a maneira como a mãe bate com a casca do ovo para abri-lo e, lá dentro, encontra outro ovo; bate com esse na mesma aresta da panela de barro e, lá dentro, encontra outro ovo;

e outro ovo, e outro, sempre assim, ovos dentro uns dos outros, até estar rodeada de cascas e, diante de si, incrédula, segurar um ovo ainda intacto.